

# A LEITURA E A ESCRITA REPRESENTAM PRAZER OU MEDO?

Maira Jennrich  
Maria Selma Grosch

Associação Educacional Leonardo da Vinci - ASSEVI  
Curso de Especialização em Psicopedagogia

## Resumo

*Um grande desafio para a alfabetização na atualidade é garantir a leitura e a escrita como uma atividade ligada ao prazer no dia-a-dia do aluno. Mas para que isso ocorra, a escola precisa urgentemente avaliar seus objetivos na produção de textos. Utilizando-se da leitura e da escrita, o aluno poderá interagir, criticar, construir, comunicar, registrar e expressar seus sentimentos e conhecimentos. O ato de ler e escrever abre possibilidades para o sujeito se desenvolver num contexto de trocas sociais e culturais intensas. O presente artigo aborda alguns aspectos para nossa reflexão sobre a temática.*

**Palavras-chave:** Escrita - comunicação - participação social

## 01. INTRODUÇÃO

A Educação ao longo dos anos vem preocupando-se em contribuir para formação de um ser humano crítico, responsável e atuante na sua comunidade/sociedade. Pois vivemos em uma sociedade onde as trocas sociais e culturais acontecem rapidamente através da leitura, da escrita, da linguagem oral e visual. Em questão de segundos somos levados a lugares longínquos, conhecendo culturas e costumes diferentes, em outro instante apenas tentamos compreender o que se passa em nosso redor.

Frente a isso, a escola vem buscando conhecer e desenvolver no aluno as competências da leitura e da escrita, pois acredita-se ser indispensável para vivermos num mundo onde o acesso às informações é cada vez mais rápido e nossa participação necessária, enquanto cidadãos, mais exigente.

É observando, lendo e vivendo a alfabetização no dia-a-dia que nos questionamos sobre os diversos sentimentos, ora de prazer, ora de medo, que são despertados em nós enquanto estudantes, leitores ou escritores. E como podemos influenciar de maneira positiva no momento da aquisição das competências da leitura e da escrita do aluno?

É certo que é através delas que podemos expressar nossos desejos, aspirações, encantos e desencantos, de buscar informações, comunicar e expor nossos pensamentos e conhecimentos de maneira responsável e consciente.

Com base nos seguintes autores: Paulo Freire, Mario Osório Marques, Ana Luisa Smolka, Emília Ferreira e muitos outros tentamos superficialmente responder algumas de nossas dúvidas e angústias.

## **02. A LEITURA E A ESCRITA REPRESENTAM PRAZER OU MEDO?**

### **2.1. Abordagens de ensino que marcaram nossa educação**

Vamos relembrar passagens importantes da nossa Educação e assim compreender o processo no qual estamos inseridos na atualidade.

#### **2.1.1. A escola tradicional**

O ensino é centrado no professor que possui como objetivo transmitir os conhecimentos e a cultura para os alunos, que por sua vez deverão memorizar as informações tal qual foram ensinadas demonstrando no momento da prova, exame ou exercício. O aluno é um sujeito passivo e o conhecimento é transmitido pela escola através de conteúdos, modelos e demonstrações passadas pelo professor.

#### **2.1.2. A escola comportamentalista**

O ensino está diretamente ligado à transmissão da cultura, conhecimentos e principalmente comportamentos (éticos, habilidades e práticas sociais). O aluno vai sendo moldado pelo professor através de estímulos condicionantes até alcançar o comportamento desejado pela sociedade. Portanto, planejamento e reforço são estratégias que o professor utiliza para assegurar a aquisição do comportamento. O êxito na aprendizagem está ligado ao bom planejamento e ao professor.

#### **2.1.3. A escola humanista**

A educação está centrada na pessoa, em que a escola possui o objetivo de orientar através das próprias experiências de aprendizagem e desta forma estruturar-se e agir sobre o seu desenvolvimento. O principal responsável pelo sucesso ou pelo fracasso na aprendizagem é o aluno, pois o professor é um facilitador.

#### **2.1.4. A escola cognitivista**

Nesta abordagem, o aluno é instigado a interagir com seu grupo. Lidar com os estímulos ambientais, organizar e integrar informações, solucionar problemas, adquirir conceitos e processá-los. O conhecimento é visto como uma construção contínua. Para que aconteça a aprendizagem, caberá ao professor assumir o papel de investigador, pesquisador e de coordenador, possibilitando situações em que o aluno elabore seu conhecimento, sendo independente e autônomo. O ensino é baseado no ensaio e no erro. Seu ponto fundamental é o processo e não o produto final. O ambiente deverá ser desafiador para promover o equilíbrio e assim a motivação.

#### **2.1.5. A escola sócio-cultural**

Nesta concepção o aluno é visto como um ser em constante construção e sujeito criador, estabelecendo relações e produzindo conhecimentos, transformador, e transformado pela sociedade/cultura. O homem é um ser social e histórico, um sujeito ativo que deve ser

desafiado a entender as concepções científicas, modificando desta forma sua relação com o meio social, desmistificando, questionando e transformando a realidade, sendo sujeito de sua educação. O aprendizado se dá pela relação, troca entre professor x aluno x sociedade, portanto, sujeitos de um processo que crescem juntos.

## **2.2. Momentos marcantes na Educação**

Passamos por momentos marcantes na Educação. A princípio uma Educação só para a elite, poucas pessoas tinham acesso ao conhecimento, à leitura e à escrita. Mais precisamente após a Revolução Francesa é que a leitura e a escrita tornam-se fundamento da escola e, a partir daí, buscou-se o melhor método para ensinar, utilizando-se da cartilha estruturada no método silábico.

Logo, a questão do fracasso escolar foi motivo de reflexão e muito estudo. Buscava-se no aluno a razão do seu fracasso, que lembramos ser nas minorias étnicas, negros e filhos das famílias pobres que se concentrava. Neste período foram criados os exercícios de prontidão para estimular as habilidades dos alunos.

O método silábico, lembrado e utilizado por muitos alfabetizadores de nossa região. Lembro-me que os primeiros meses de minha alfabetização, por volta do ano de 1984, apenas ficávamos realizando exercícios de coordenação, éramos privados do conhecimento, do acesso à leitura e à escrita. Logo, as famílias silábicas passavam a ser apresentadas, uma a uma para não termos dificuldades de decorá-las.

O aluno apenas repetia a lição para o professor, pois acreditava-se que o aluno aprendia pela repetição; a idéia era apenas a memorização do conteúdo apresentado. O indivíduo era considerado uma tábula rasa, sem direito ao questionamento, não podendo manifestar-se nem dar sua contribuição no processo de ensino aprendizagem.

Em meados dos anos 70, buscou-se compreender como os alunos aprendem, o que pensam a respeito da escrita. Para respondermos essa questão foi necessário revermos as concepções de alfabetização, portanto, já não podemos mais ensinar como antes, pois sabemos que os nossos alunos não são seres vazios, mas sim, sujeitos que se encontram numa determinada realidade cultural e social, sujeitos responsáveis pelo seu próprio processo de transformação e de mudança.

Neste momento histórico da Educação, nós educadores temos a responsabilidade de fazer com que o aluno descubra, e que venha a ter a capacidade de integrar informações e processá-las ao longo de sua vida, desafiando-os, abrindo espaços para discussões e reflexões acerca dos assuntos estudados, realizando intervenções durante todo o processo de aquisição do conhecimento culturalmente construído e sua função social.

## **2.3. Breve perspectiva histórica da escrita**

Nos primeiros grupos da civilização, a linguagem oral era a principal forma de comunicação; dela utilizavam-se para repassar os conhecimentos acumulados ao longo do tempo, de geração para geração. Com o passar dos anos os grupos foram crescendo e se desenvolvendo, surgindo então a necessidade de registrar fatos do cotidiano e bens adquiridos.

A escrita passa a ser uma necessidade, com diversas funções sociais. A princípio o desenho foi utilizado como uma das primeiras formas de registro de comunicação (ainda esta forma de linguagem é estudada pelos pesquisadores em cavernas). Em seguida, outras formas de representação foram surgindo, tais como: os pictogramas, a fonografia, a ideografia e o fonográfico que deu origem às características sonoras da língua, levando-nos à escrita alfabética, cuja finalidade é permitir a leitura, a escrita e o acesso ao conhecimento.

Para compreendermos o processo de leitura e escrita seguimos passos semelhantes ao das primeiras civilizações. Utilizamos do desenho para representar nossa fala (nossa primeira forma de expressar, de comunicar o que queremos, o que pensamos), em seguida começamos nossa construção de tentativas e de hipóteses sobre o ato de escrever e ler o que escrevemos. Nesse momento...

A língua escrita se converte num objeto de ação e não de contemplação. É possível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la. É precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação. (FERREIRO, 1993, p. 47)

## 2.4. Comunicação X Expressão

A comunicação é a ação de comunicar, muito utilizada pelo homem por ser um sujeito social; transmitir informações e conhecimentos, havendo sempre uma razão, uma intenção de comunicar-se com alguém; como percebemos, possui uma função nitidamente social.

A expressão é a maneira que utilizamos, os gestos e as palavras, para expressar nossas idéias ou sentimentos, que se fazem conhecer através da pintura, da música, da dança e do teatro.

A criança, interagindo com outras pessoas, busca a comunicação e o adulto precisa ter um olhar atento e sensível para compreender as diversas formas utilizadas por ele para expressar seus desejos, intenções, medos ou angústias. O educador poderá fazer uso das formas de expressão possibilitando vivências interativas e comunicativas.

## 2.5. Mediação da escrita

A criança ingressa na escola com muitas experiências e vivências, com sua linguagem natural. E é a partir desta bagagem que podemos estimular o desenvolvimento e ajudá-la a apropriar-se do sistema de representação gráfica, a escrita.

Nas primeiras palavras, frases e bilhetes é necessário levar em consideração a escrita, representando a linguagem oral das crianças como um contexto rico e que pode ser explorado no dia-a-dia da escola, atribuindo significado e naturalidade ao ato de ler e escrever.

Poderíamos dizer que José Paulo Paes, em sua poesia, consegue expressar nossos desejos em relação a escrita:

CONVITE  
Poesia é brincar com palavras  
Como se brinca com bola, papagaio, pião.  
Só que bola, papagaio, pião de tanto brincar se gastam.  
As palavras não: quanto mais se brinca  
Com elas mais novas ficam.  
Como a água do rio  
Que é água sempre nova.  
Como cada dia

Que é sempre um novo dia.  
Vamos brincar de poesia? (OFÍCIO DE PROFESSOR: 2002. p. 49)

É escrevendo e vivenciando, é brincando com as palavras que a escrita no contexto da sala de aula vai ganhando importância e significação, como forma de comunicação e de registro (memória), de prazer, de vida, cada vez mais próximos do aluno e de sua realidade. Ao adquirir o entendimento deste complexo sistema, o sujeito organizará suas ações de diversas formas, criando, recriando e compreendendo o objeto de conhecimento e fazendo uso dele.

O processo de construção de textos deve ser algo prazeroso para o aluno. É preciso que o sujeito-autor perceba e utilize a produção de textos como forma de comunicação, registro, expressão de sentimentos, de prazer, que revele sua intenção, seu posicionamento e seu conhecimento, sua opinião sobre a realidade, respeitando seu ponto de vista e possibilitando a construção de sua cidadania. Mas para que isto aconteça é necessário que o aluno interaja com o meio em que vive, que a escola parta do cotidiano, do conhecimento que a criança traz consigo, para então levá-la a ampliar, criar, desafiando-a a construir conhecimentos e possibilitando-lhe novas aprendizagens ora em atividades coletivas, ora em atividades individuais de produção da linguagem escrita.

O aluno é sujeito ativo na construção do seu saber. A partir do momento que se apropria da leitura e da escrita possui um outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana. Promove modos diferentes e ainda mais abstratos de pensar e de se relacionar com as pessoas e com o conhecimento, portanto, a aquisição da escrita não pode ser vista meramente como um ato motor, pois antes da criança ler e escrever convencionalmente já teve contato com a leitura de rótulos, placas, histórias e outros signos presentes no dia-a-dia. O ato de escrever é a forma que utilizamos para registrar a nossa leitura de mundo, do pensar, do sentir e do transmitir ao outro está intrínseco em nós. É através da leitura e da escrita de diferentes textos que retiramos não só a forma de compreender o mundo, mas a possibilidade de expandi-lo.

## 2.6. Leitura de Mundo

Muito antes de entrarmos na escola e dominarmos o complexo sistema da escrita já realizamos a leitura de mundo, como lemos no Caderno Pedagógico II (2002. p. 85):

Leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1992. p. 11-12).

Antes mesmo de decodificar símbolos, o homem precisa ler o contexto onde está inserido, precisa compreender a realidade para viver e sobreviver nela, adaptar-se às dificuldades, aprender e ensinar, humanizar-se e lutar pela sua liberdade e autonomia.

...E de que, nestas relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica - de sujeito para objeto - de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem. Esta relação, como já ficou claro, é feita pelo homem, independentemente de se é ou não alfabetizado. (FREIRE, 2000. p. 113).

Desta forma, compreendemos que a leitura transcende a mera decodificação de letras. Ler é, atravessar o texto, interagir com o autor, para alcançar algo muito superior, que é ser competente para compreender e refletir sobre a sua própria realidade, e é nesse momento que surge o interesse pela aquisição do ato de ler e escrever, de participar, de compreender e de modificar a sua realidade/sociedade.

## 2.7. Sujeito cidadão, leitor e escritor

A linguagem está presente desde muito cedo na vida do ser humano, inicia-se no momento em que a criança começa a usar diferentes sons, balbucios e o choro para expressar seus desejos ou necessidades. Cresce, interage e faz suas próprias leituras do mundo.

E é esse aprendiz que a escola pode motivar, desafiar a ser um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, compreendendo o contexto e modificando-o, de acordo com as suas possibilidades histórico-culturais.

Se a escrita nos abre tantas possibilidades de comunicar, de registrar fatos e conhecimentos, sonhos, memórias e aspirações, questionarmo-nos sobre quais as razões que levam os alunos do ensino fundamental, ensino médio e os alunos da graduação a perderem o gosto pela escrita de textos?

Como educadores, observamos a euforia, o entusiasmo e a alegria das crianças ao traçarem suas primeiras palavras, frases e bilhetes para pessoas queridas.

Neste momento fica evidenciado o orgulho, a satisfação e a sensação da batalha vencida, a conquista das letras, a linguagem escrita passa a fazer parte de seu conhecimento. O brilho de um vencedor se instala no olhar de cada aluno. É esse brilho que se traduz em recompensa para os educadores. Então, juntos, mas em silêncio, comemoramos com um largo e terno sorriso a conquista da linguagem escrita.

Sentimentos estes que deveriam nos acompanhar pelo resto de nossas vidas, mas ano após ano nossos alunos vão perdendo o brilho no olhar, o gosto e o encantamento pela escrita, a mesma que há tempos os fez sentirem-se grandiosos e vitoriosos.

Então nos questionamos sobre os fatores desta desilusão, do desinteresse, do sentimento de medo, de angústia e de castigo que, logo após os primeiros anos de alfabetização, começam a acompanhar o aluno na sua vida escolar; muitas vezes até no nível superior encontramos alunos com dificuldades de se expressarem através do registro escrito.

Muitas foram as causas que levaram os alunos e até educadores a se calarem (resquíio da época da ditadura) e também a grande ênfase dada às correções ortográficas, esquecendo-se que as regras foram elaboradas para que dela fizéssemos uso no momento de registrar nossos pensamentos e conclusões. Sim, para que as pessoas que compartilham da mesma língua possam compreender e interpretar os escritos. Há necessidade de conhecermos e utilizarmos de maneira adequada as normas do padrão da Língua Portuguesa para sermos compreendidos.

O aluno deve respeitar cuidadosamente a ortografia desde o início, como se “a roupagem gráfica” de cada palavra fosse eterna; oculta-se-lhe, assim, que a escrita - tanto como a língua oral - são objetos que evoluem, e que, se há fortes razões para manter, dentro de certos limites, a norma ortográfica estabelecida, esta é apenas uma convenção útil que permite a comunicação a distância entre falantes que compartilham da mesma língua, mas não do mesmo dialeto... (FERREIRO, 1993. p. 21)

O aprendizado da linguagem escrita perde sua função social quando o único valor atribuído a ela é a de correção, punição ou o castigo. Sendo lembrada apenas a nota e não o valor da comunicação, diminuindo assim as chances de contribuirmos para avançarmos na leitura e na escrita como rotina.

A correção deve sim fazer parte do dia-a-dia da escola, é no momento da conversa, da construção coletiva, da troca ou da mediação que o educador irá apresentar as normas ortográficas e correções que se fizerem necessárias para a familiarização e para o uso devido dessa modalidade, mas não como um castigo, punição, e sim, como troca de conhecimento, como mediador da cultura.

“Esse é outro ponto fundamental na atuação do professor, pois seu foco não se limitar ao resultado final. A ênfase no certo e errado traz como contrapartida a mobilização da criança apenas em função do cumprimento da tarefa”. (SILVA, 1994. p. 20).

A escrita nos proporciona um novo modo de nos relacionarmos com as outras pessoas e com o conhecimento, pois é um instrumento de pensamento, de memorização, de registro e de organização das ações, das experiências e da cultura, representando um desenvolvimento no aprendizado da pessoa. ...“Escrever como provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como busca do aprender, princípio da investigação”. (MARQUES, 1997. p. 26)

Na escola, as crianças são desafiadas a entender as concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais, levando-as a interagir e se transformar: aprender a ler e escrever, construindo significados, ampliando seus conhecimentos; é na escola que estes conceitos introduzem novos modos de operação intelectual, conseqüentemente, modificam sua relação cognitiva com o mundo.

Segundo FERRI (1996. p. 10):

É necessário, deste modo, compreender o processo de alfabetização como uma atividade real e significativa de convívio com a linguagem escrita, onde as crianças interagem com diferentes conhecimentos, com o professor, sua intencionalidade e a linguagem escrita em suas diferentes manifestações. (PROPOSTA CURRICULAR, 1997. p. 25)

Entendemos que o professor deverá ser coerente, dinâmico, ter domínio do assunto, ter claro seus objetivos e levar em consideração a realidade, os anseios e o contexto social de sua turma, para assim criar situações que levem seu aluno a refletir, questionar, buscar soluções para seus problemas, favorecendo a construção de sua autonomia intelectual. Para isso reforçamos a importância da formação pedagógica do professor e de atualização constante na sua área, pois suas ações e palavras refletem de forma direta na estrutura cognitiva do educando. Portanto, contribuir para um processo de ensino aprendizagem significativo ou não dependerá da qualidade de processo, do encaminhamento, do encantamento, da interação, do envolvimento professor / aluno.

### 03. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadores, pensamos e repensamos nossas práticas, refletimos e buscamos respostas, caminhos para seguirmos. Qual deles levará nossos alunos e a nós mesmos a sermos cidadãos, sujeitos de nossa história, críticos, livres e responsáveis, conscientes dos nossos direitos e deveres?

Daremos ênfase em algumas funções da escrita no decorrer da história, nas primeiras civilizações a escrita era utilizada para registrar fatos do cotidiano ou marcar bens adquiridos (alimentos, animais...), hoje, a escrita tem como função registrar fatos do cotidiano, experiências científicas nas diversas áreas de estudo, de informar sobre o que está acontecendo no Japão, na Itália, nos EUA ou na mais pequena cidade do Brasil.

Conforme observamos, a leitura e a escrita abrem tantas possibilidades de conhecer, relacionar, contextualizar e interpretar os fatos que aconteceram no decorrer da história e os

fatos que acontecem no mundo hoje, com a liberdade de criticar ou elogiar os feitos da humanidade.

Com base nesta constatação, precisamos fazer da nossa sala de aula um local de aperfeiçoamento, de crescimento e desenvolvimento desta linguagem. Na questão da ortografia, sem traumas, mas com a compreensão de como utilizá-la no dia-a-dia, principalmente pela sua importância de escrever de maneira clara e objetiva onde todos consigam compreender nossa mensagem.

Temos uma longa caminhada enquanto educadores: continuar buscando, mais e mais, informações com estudiosos e pesquisadores, observando e registrando nossas próprias práticas para a cada novo dia tentar melhorá-las. E assim contribuir para uma sociedade onde todos sejam leitores e escritores, que tenham acesso às informações e ao conhecimento, que participem, que tenham voz e vez.

Após algumas leituras, tentamos de maneira simples e ao mesmo tempo ousada, por se tratar de algo tão grandioso, responder que a leitura e a escrita podem sim representar prazer, iniciando na escola como um brincar com as palavras, mas não terminando nela. Esse é, na nossa concepção, o nosso grande desafio enquanto educadores.

#### 04. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da alfabetização da oralidade à escrita**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Unijui, 1997.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- OFÍCIO DE PROFESSOR. **Aprender mais para ensinar melhor**. Fascículo 3 - Leitura e Escrita. Fundação Victor Civita, 2002.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SILVA, Maria Alice S. Souza e. **Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização**. Ática, 1994.
- SMOLKA, Ana Luisa; GÓES, Maria Cecília Rafael de. (orgs). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 3. Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: O que é, como se faz**. 4. Ed. Loyola, 2001.
- UDESC. CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA. SOCIOLOGIA. CADERNO PEDAGÓGICO II - 2ª versão. **Os desafios da sociologia contemporânea: Globalização e Educação**. Florianópolis, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. L.S. Vygotsky: tradução Jefferson Luiz Camargo: revisão técnica José Cipolla Neto. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZATZ, Lia. **Aventura da escrita: história do desenho que virou letra**. São Paulo: Moderna, 1991.